

**PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA UNIVERSIDADE:
casos de ensino de uma professora negra no curso de Pedagogia**

Juliana Silva Santana¹
Isabel Maria Sabino de Farias²

Resumo: Vinte anos após a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da História e cultura afro-brasileira e africana, ainda não são sistemáticas as práticas de ensino numa perspectiva antirracista e, em diversos casos, esse trabalho é realizado apenas por profissionais negros/as – realidade observada na Educação Básica e também no Ensino Superior. Nesse contexto, o artigo reflete sobre as práticas docentes antirracistas de uma professora negra no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE durante o semestre 2023.2, uma das autoras deste texto. De abordagem qualitativa, a análise utiliza Casos de Ensino (CdE) (Nono, 2005; Nono e Mizukami, 2006; Farias e Mussi, 2021) como procedimento de produção de dados, apresentados enquanto escrituras (Evaristo, 2020) – escritas de mulheres negras sobre si e seus cotidianos. Com esteio na experiência de orientação de monografias sobre a educação para as relações étnico-raciais, em vivências de grupo de estudos, tornando acessível a participação efetiva de estudantes negras/es e grupo de pesquisa sobre formação em Pedagogia numa perspectiva antirracista, além do ensino aforreferenciado em sala de aula, a professora demonstra engajamento com a temática étnico-racial, entendendo-a como fundamental e urgente do ponto de vista profissional, pedagógico, social, político e pessoal. Na vivência dessas práticas, a professora utiliza intelectuais negros/as e informações “outras” sobre os povos afro-brasileiros e africanos para estimular a produção de conhecimentos pedagógicos afro referenciados, acreditando ser este um dos percursos para a construção de escolas e espaços educacionais justos, diversos, amorosos e inclusivos.

Palavras-chave: Educação Superior. Raça. Professor Negro. Docência. Casos de Ensino.

**ANTI-RACIST PRACTICES AT THE UNIVERSITY:
teaching cases of a black professor in the Pedagogy course**

Abstract: Twenty years after the approval of Law No. 10,639/2003, which deals with the mandatory teaching of Afro-Brazilian and African History and culture, teaching practices from an anti-racist perspective are still not systematic and, in several cases, this work is carried out only by black professionals – a reality observed in Basic Education and also in Higher Education. In this context, the article reflects on the anti-racist teaching practices of a black teacher in the Pedagogy course at the State University of Ceará – UECE during the 2023.2 semester, one of the authors of this text. With a qualitative approach, the analysis uses Teaching Cases (CdE) (Nono, 2005; Nono and Mizukami, 2006; Farias and Mussi, 2021) as a data production procedure, presented as writings (Evaristo, 2020) – writings by black women about themselves and their daily lives. Based on the experience of supervising monographs on education for ethnic-racial relations, study group experiences facilitating the effective

¹ Professora adjunta do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará- UECE. Coordenadora do grupo de leitura e estudos de intelectuais negras "Coletivo Mapinduzi" (CED/UECE). Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: juliana.santana@uece.br

² Professora associada do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED/UECE). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq -1D. Líder do Grupo de pesquisa: EDUCAS - Educação, Cultura escolar e Sociedade - CNPq/UECE. E-mail: isabel.sabino@uece.br

participation of black students and research group on Pedagogy Training from an anti-racist perspective, in addition to afro-referenced teaching in the classroom, the teacher demonstrates engagement with the ethnic-racial theme, understanding it as fundamental and urgent from a professional point of view, pedagogical, social, political and personal. In experiencing these practices, the teacher uses black intellectuals and “other” information about Afro-Brazilian and African peoples to stimulate the production of Afro-referenced pedagogical knowledge, believing this to be one of the paths to building fair schools and educational spaces, diverse, loving and inclusive.

Keywords: Higher education. Race. Black Professor. Teaching. Teaching Cases.

PRÁCTICAS ANTIRACISTAS EN LA UNIVERSIDAD: casos docentes de un profesor negro en la carrera de Pedagogía

Resumen: Veinte años después de la aprobación de la Ley nº 10.639/2003, que trata sobre la enseñanza obligatoria de la Historia y la Cultura Afrobrasileña y Africana, las prácticas de enseñanza desde una perspectiva antirracista aún no son sistemáticas y, en varios casos, este trabajo es llevado a cabo únicamente por profesionales negros – una realidad observada en la Educación Básica Y también en la Educación Superior. En este contexto, el artículo reflexiona sobre las prácticas de enseñanza antirracista de una profesora negra en la carrera de Pedagogía de la Universidad Estadual de Ceará – UECE durante el semestre 2023.2, una de las autoras de este texto. Con un enfoque cualitativo, el análisis utiliza Casos de Enseñanza (CdE) (Nono, 2005; Nono y Mizukami, 2006; Farias y Mussi, 2021) como procedimiento de producción de datos, presentados como escritos (Evaristo, 2020): escritos de mujeres negras sobre sí mismas y su vida cotidiana. A partir de la experiencia de supervisión de monografías sobre educación para las relaciones étnico-raciales, experiencias de grupos de estudio que facilitan la participación efectiva de estudiantes negros y en un grupo de investigación sobre Formación Pedagógica desde una perspectiva antirracista, además de la docencia en el aula, el docente demuestra compromiso con la temática étnico-racial, entendiéndola como fundamental y urgente desde el punto de vista profesional, pedagógico, sociales, políticos y personales. Al experimentar estas prácticas, el docente utiliza intelectuales negros y “otra” información sobre los pueblos afrobrasileños y africanos para estimular la producción de conocimientos pedagógicos con referencia a lo afro, creyendo que este es uno de los caminos para construir escuelas y espacios educativos justos. diversa, amorosa e inclusiva.

Palavras-clave: Educación superior. Carrera. Profesor negro. Enseñanza. Casos de enseñanza.

O começo: palavras introdutórias

Este artigo tem como objetivo refletir sobre práticas docentes antirracistas de uma professora negra do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE), instituição pública localizada no nordeste brasileiro. Com quase 10 anos de atuação nessa instituição, foi no segundo semestre do ano de 2023 que essa professora, primeira autora deste texto, se tornou efetiva nessa universidade e pôde, com isso, assumir componentes curriculares que, institucionalmente, lhe convidam a *pensar-fazer-sentir* uma educação inclusiva e para a diversidade, embora as duas autoras desse texto considerem que estas perspectivas educacionais caibam em todo o currículo.

Os dados apresentados foram construídos a partir de Casos de Ensino (Nono, 2005; Nono e Mizukami, 2006; Farias e Mussi, 2021) escritos (Evaristo, 2020) pela professora negra em foco neste escrito. Referem-se à experiências dentro e fora das salas de aula e em ambiente universitário que influenciaram na formação da docente e nas confluências de saberes com discentes do curso de Pedagogia.

As análises apoiam-se nos pressupostos da Pedagogia Engajada (hooks, 2017, 2020, 2021, 2022), do Movimento Negro educador (Gomes, 2017), nas críticas à branquitude (Bento, 2022; Carneiro, 2011, 2023) e no reconhecimento e respeito aos saberes dos povos negros (Bispo dos Santos, 2023; Berth, 2019) para pensar o nosso objeto de estudo.

Situa-se na defesa pela Educação Antirracista e Afrorreferenciada, pautada na Lei nº 10.639/2003, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da História e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de Educação Básica e que, portanto, requer engajamento dos cursos de formação de professores/as para que construam saberes-práticas pedagógicos/as distantes da perspectiva ainda dominante, que pretende-se única: a eurocentrada, brancocentrada, supremacista, machista. Na contramão, ressalta-se o potencial das intelectualidades negras e dos saberes construídos nas lutas dos povos negros por emancipação – estes que rompem com a lógica racista e insurgem aproximando a formação em Pedagogia das crianças reais, sobretudo da rede pública de ensino, e de seus complexos cotidianos.

Assim, este texto está organizado nesta seção, que traz as palavras iniciais; em outra, de natureza metodológica, trata sobre a produção da pesquisa, seguida da apresentação dos casos de ensino e reflexões a partir do diálogo entre as realidades vividas pela professora e as experiências divulgadas nas obras de intelectuais negras/os, parte do texto que visibiliza suas escrituras. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades de análises sobre o assunto, anotamos, ainda, algumas palavras finais que visam colaborar com o debate nessa área do conhecimento.

Ideias em circularidade: a metodologia da pesquisa

Não tenho dúvida de que a *confluência* é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito (Nego Bispo, 2023, p. 15).

As análises anotadas neste escrito decorrem de uma pesquisa de abordagem qualitativa (Severino, 2010; Nóbrega-Therrien, Farias e Silva, 2021) visto que transita no universo das subjetividades da docência enquanto relata situações objetivas, cotidianas nesse contexto tão plural que é a universidade.

Os relatos se dão em formato de Casos de Ensino (CdE), os quais, segundo Farias e Mussi (2021, p. 1), referem-se “a uma narrativa, real ou fictícia, sobre situações cotidianas e complexas vividas pelo professor”, tecidas com o fito de explicitar “dilemas e conflitos profissionais que permeiam o trabalho do professor na escola e na sala de aula ou mesmo em outras situações de sua vida profissional”. Nono e Mizukami (2006) ressaltam que os Casos de Ensino devem trazer detalhes suficientes para que seja possível a análise e interpretação a partir de diferentes perspectivas. Nono (2005) acrescenta, ainda, que os Casos de Ensino são ferramentas de grande valor investigativo e formativo, ao passo em que evidenciam as tensões e contradições que permeiam o fazer docente.

Argumentos em torno do reconhecimento e respeito aos saberes do/a professor/a como profissionais que detêm conhecimento, da aprendizagem mediada pela experiência vivida, de pensamentos e ações reflexivas como processo autônomo e singular de construção e reelaboração de conhecimentos (Zeichner, 1993; Josso, 2007; Mizukami, 2000; Mussi, 2007), são alguns dos pressupostos teóricos que sustentam os Casos de Ensino na perspectiva defendida neste texto. Pressupostos que dialogam com o propósito e referenciais teóricos que permeiam suas análises, os quais focalizam práticas docentes antirracistas de uma professora negra de um curso de Pedagogia no sentido de problematizar as relações étnico-raciais no meio universitário, sobretudo no que concerne a aspectos estruturais e individuais que atravessam essa temática. Um diálogo fértil, mas também provocador e, por isso mesmo, pertinente à disseminação desse debate a partir do que acontece no âmbito da docência na Educação Superior.

Casos de Ensino, enquanto um escrito reflexivo mediado pela experiência, permitem colocar em evidência desde dilemas, dificuldades e conflitos cotidianos a expectativas, crenças e concepções sobre a profissão, o currículo, a prática e o papel docente como formador/a de outras pessoas; propicia um colocar-se no lugar do outro, ponderando sobre “a especificidade do contexto, do momento histórico, da realidade concreta” (Farias e Mussi, 2021a, p. 6). Nesse

texto, os Casos de Ensino possibilitam elucidar situações, vivências, dilemas e expectativas que circundam o debate e a prática educativa universitária sobre racialidade, racismo, pessoas brancas e, ao mesmo tempo, demarcar como a presença de docentes negros/as nesse contexto fomenta novos olhares sobre a branquitude e a trajetória de negro(as) na universidade.

Nessa direção, por certo uma escrevivência (Evaristo, 2020), visto que as histórias de uma mulher negra – a professora – permitem-nos refletir sobre condições individuais e também mais estruturais, referente às mulheres negras que atuam na docência na Educação Superior, ou seja, um registro do cotidiano, das experiências desta professora negra e, de tantas outras, impactadas pelas estruturas racistas e patriarcais. Para a intelectual Conceição Evaristo, a escrevivência não pode ser lida como história para ninar os da casa grande e sim para incomodá-los. Dessa forma, essas histórias são registradas enquanto escrita navalha, conceito apresentado por Souza e Santana (2024, s/p.) para falar sobre “aquela escrita que corta o tecido social imposto pela branquitude e, com isso, pode contribuir para potencializar outras escritas, marcando a transição de quem foi imposto ao não-lugar de objeto, para o lugar de sujeito/a, portanto, narrador/a de sua própria história”.

Constitui-se dessa forma, uma metodologia antirracista e afrorreferenciada, que utiliza as vozes negras para denunciar as desigualdades e desafios enfrentados pelos povos negros na universidade, ao passo que anuncia os avanços, as insurgências, as novas e, ao mesmo tempo, ancestrais perspectivas de educação.

O meio: refletindo sobre Casos de Ensino de uma professora negra na universidade

Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso (Nego Bispo, 2023, p. 15).

Não são recentes as produções científicas que versam sobre as (re)existências de intelectualidades negras (Gomes, 2017; hooks, 2017, 2020, 2021, 2022; Carneiro, 2011, 2023; Bento, 2022; Berth, 2019). Essas mulheres, dentre tantas outras, abriram os caminhos para que hoje fosse possível escrever sobre as práticas antirracistas na universidade a partir das escrevivências de uma professora negra, o que, nessa parte do texto, é visibilizado pela marca da personalidade na escrita, assumida na primeira pessoa do singular. Os saberes ancestrais –

construídos dentro e fora da Academia – são valiosos e potentes e, ainda que permeiem todas as áreas do conhecimento de forma significativa e basilar, ainda são negligenciados, invisibilizados e até mesmo plagiados pela estrutura racista e brancocêntrica que mantém o privilégio branco desde o brutal período de escravização de pessoas negras no Brasil.

Num *continuum* abolicionista, buscando a liberdade de ser, pensar, fazer e sentir a educação antirracista e afroreferenciada, convido Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, para abrir esta seção, considerando que a *escrita-sentimento* dele contemplou também a minha ao escrever este artigo (primeira autora). As escritas aqui relatadas e discutidas aconteceram de junho a dezembro de 2023, semestre em que me tornei, oficialmente, por meio de concurso público, professora efetiva do Centro de Educação (CED) na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Embora eu não fosse mais uma professora iniciante, visto que já atuava no Centro de Educação da UECE há quase 10 anos como professora substituta ou temporária, experimentava pela primeira vez a alegria de ocupar o cargo de professora adjunta, efetiva, concursada. Agora eu não era apenas a primeira da família a concluir uma graduação, um mestrado e um doutorado. Eu era também, a primeira professora de Ensino Superior, profissão que - para nós - representa muito. Além disso, para além de uma realização pessoal e familiar, essa conquista representa uma realização ancestral e reverbera fortemente em estudantes negras/os do curso de Pedagogia, pois não somos muitas, as mulheres negras doutoras professoras de cursos no Ensino Superior (Escritas de Juliana Santana, 2023).

Dados do Censo da Educação Superior de 2023 realizado pelo Inep³ mostram que 21% dos/as docentes na Educação Superior se autodeclararam negros/as (pretos/as e pardos/as). Desse pequeno quantitativo, que destoa da diversidade racial brasileira, as questões de gênero interseccionam e denunciam, além do racismo, o sexismo no país: mulheres negras são a significativa minoria na docência universitária.

Ante esse cenário, a aprovação em concurso público para o magistério na Educação Superior, no curso de Pedagogia, influenciou positivamente os rumos da minha história pessoal e profissional e, notadamente, também a história pessoal e profissional de estudantes

³ Dados disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>
Acesso em: 15 de dezembro de 2024.

negros/as do curso de Pedagogia na UECE, visto que essa chegada fortaleceu oportunidades de bolsas de iniciação científica⁴ e de monitoria⁵ para estudantes negras, de realização de pesquisas⁶ e ações escolares voltadas para as questões étnico raciais, de empoderamento para diversos/as estudantes negros/as que ocuparam seus espaços – ora ora subjetivamente, ora objetivamente negados – dentro da universidade, tornando-se mais engajados/as e participativos/as.

Inspirada em bell hooks (2017, 2021), transgredi o currículo do curso de Pedagogia, majoritariamente embranquecido, trazendo referências negras (acadêmicas e não-acadêmicas) e estratégias de ensino afro referenciadas (circulares, contracoloniais, presentes na história, memória e vida da turma, brincantes, acessíveis), esperando uma formação mais democrática, crítica e amorosa, através do fortalecimento de vínculos com os/as estudantes e da coletividade. “Eu me sentia amada pela maioria dos/as meus/minhas estudantes. Eles/elas eram gratos/as a mim porque eu acreditava neles/as, porque eu os/as eduquei para a prática da liberdade, porque os/as incentivava a se tornarem pensadores/as críticos/as capazes de fazer escolhas responsáveis” (hooks, 2021, p. 58).

Esse amor recíproco inspira em mim o compromisso com um ensino de excelência, que contrapõe à visão brancocêntrica meritocrática e desumanizante da docência através da produtividade e do destaque individual, ao optar, conscientemente, pelos caminhos coletivos e pela audácia pedagógica de não ser a detentora do saber e das tomadas de decisão. Pautase nos saberes educadores do Movimento Negro, quando “retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial” (Gomes, 2017, p. 22). Nesse sentido,

[...] tão logo iniciei como professora efetiva, tratei de localizar minhas atividades a partir do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. Foi um processo complexo, visto que minha experiência pregressa restringia-se ao ensino e à orientação de pesquisas de trabalho de conclusão de curso. Desconhecia os processos, os documentos regulamentadores e, em alguns momentos, até as características de cada uma dessas atividades. Fui

⁴ Projeto “Formação em Pedagogia e as construções de saberes-práticas antirracistas” com bolsa (BICT/FUNCAP).

⁵ Vinculada ao componente curricular “Educação Inclusiva e Diversidade Cultural” com bolsa (PROMAC).

⁶ Neste semestre foram duas oficinas ministradas na XXVII Semana Universitária da UECE e a orientação e coescrita de oito trabalhos com as/os estudantes e componentes do Coletivo Mapinduzi.

prontamente acolhida pelo Coletivo Mapinduzi - grupo de estudos de intelectuais negras, organizado e vivenciado por estudantes do curso e pessoas recém egressas que reuniam-se para ler e estudar intelectuais negras mediante a ausência ou incipiência destes durante a graduação. Ao fazer parte desse Coletivo, experienciei o processo de institucionalização de um grupo de estudos e, além, a potência de fazer parte de uma comunidade engajada, amorosa e afrorreferenciada dentro do ambiente universitário, ainda hoje tão embranquecido. Foi como um caloroso abraço de acolhimento e, ao mesmo tempo, um empoderamento para querer mais: mais enegrecimento, mais letramento racial, mais bolsas de estudos para estudantes negros/as trabalhadores/as, mais projetos e ações de valorização da diversidade étnico-racial. Eu quis mais pessoas negras como eu ocupando esse espaço (Escrivências de Juliana Santana, 2023).

Tornar-se negra e tornar-se professora coletivamente têm sido experiências libertadoras e emancipatórias, considerando que tive formações (educação básica, graduações e pós-graduações) significativamente brancocentradas que relegaram os povos negros e, conseqüentemente a mim, à invisibilidade, à subalternidade, à escravidão, à pobreza e violência, à subserviência, dentre outros não-lugares que geravam sentimentos de não-pertença e de insuficiência.

A intelectual Joice Berth (2019, p. 22), ao discutir o empoderamento negro, alerta-nos que “muitas vezes, estar imerso na realidade opressora impede uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido” e, de fato, por muito tempo foi assim que me constitui educadora, professora, pessoa – como inadequada e faltante. Ao contrário disso, acessar a Universidade acolhida pelo Coletivo Mapinduzi, um lugar de afetos, diálogos e resistência⁷, provocou em mim sensações outras, novas, de pertencimento, de força, de intelectualidade, de cooperação e cumplicidade, de circularidade. Não era pesado ser professora, pois eu estava acolhida nesse fazer, nesse tornar-se, estava apoiada para saber e para não saber, descobrir.

Esses estímulos externos constituíram um autoempoderamento, uma “movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista” (Berth,

⁷ Para saber mais sobre o Coletivo Mapinduzi, acesse o artigo “Empretecendo os caminhos: o Coletivo Mapinduzi e a promoção de intelectualidades negras” escrito por SANTANA, Juliana Silva; SILVA, Mar; SOUZA, Davison da Silva; ANTUNES, Gabriele da Silva. Publicado na Revista PerCursos, Florianópolis, v.25, p.e 0112, 2024. DOI: 10.5965/19847246252024e0112. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/24345>. Acesso em: 15 dez. 2024.

2019, p. 25). Assim, compreendo que, na Universidade, a formação de professores numa perspectiva antirracista e afroreferenciada é construída por todos/as, nos cotidianos, nas partilhas, nos afetos. Torno-me professora universitária e intelectual gingando na mesma ciranda em que os/as graduandos/as tornam-se professores/as e intelectuais, tal como descrito nesse caso de ensino (CdE):

Outro dia, numa aula de Ensino de História e Geografia - área do concurso em que fui aprovada - uma estudante negra chegou até mim com brilho nos olhos e braços abertos para me acolher e dizer: ‘Professora, depois da nossa primeira aula na semana passada, cheguei em casa em êxtase, contando para meus pais, irmãos e namorado que eu teria, nesse semestre, uma professora negra e que ela estava usando um cabelo trançado. Nossa, isso foi muito empolgante’. A fala da graduanda me encheu de alegria! Eu sabia que meu corpo negro na Universidade era sinônimo de resistência e representatividade, mas ouvir isso confirmou que eu estava no lugar certo, tanto que, um ano depois, firmamos a parceria orientadora-orientanda. A fala dela se contrapôs às sucessivas vezes em que fui “confundida” com estudante, em que “duvidaram” que eu era a professora, em que “tentaram apagar” a minha presença. Sim, eu sofri e ainda hoje sofro racismo co-ti-di-a-na-men-te nesse espaço. Acontece de forma sistemática, desde alguns dos meus pares de colegiado (que me desconheciam até eu ser apresentada como professora efetiva, mesmo após quase dez anos compondo aquele grupo), até por alguns estudantes e seus familiares (esses últimos, tendo contato em situações de defesa de monografia em que eu fui orientadora) que estranham a minha presença enquanto professora. Estudantes negros/as têm sido minha fortaleza nessa busca por um lugar na Universidade; enquanto sistematicamente sou empurrada para um não-lugar, eles e elas me mostram qual o lugar que eu ocupo e qual a importância dele (Escrevivências de Juliana Santana, 2024).

A Universidade tem sido, historicamente, um espaço hostil para corpos e mentes negras. Isso porque, reconhecer a intelectualidade negra implica, concomitantemente, em responsabilizar-se pelo genocídio negro, pelo epistemicídio (Carneiro, 2023), pela manutenção do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022), dentre tantos outros cruéis dispositivos sociais utilizados para manter povos brancos em seu lugar de dominação e poder. Esse conjunto de práticas fomentam o racismo, embarreiram o acesso, a permanência e o sucesso de pessoas negras na Educação Superior, sufocam ideais de um mundo melhor, mais inclusivo e equânime. Daí, o ensurdecedor silêncio de pessoas brancas perante às solicitações (e até legislações!) por construção de saberes-práticas antirracistas ao longo dos processos formativos, “quando incitadas ao debate racial, as pessoas tendem a reagir defensivamente e a responder com raiva,

medo e culpa” (Bento, 2022, p. 112).

No ambiente de trabalho, mesmo diante dos diversos reflexos da supremacia branca, esses sujeitos não aceitam serem confrontados, sobretudo se usar a palavra “racismo” para indicar o vivido, parecendo ser o dito mais violento do que o ato em si. As sutis, cotidianas e violentas práticas racistas apresentam-se ao dizerem que eu “pareço jovem demais para ser professora”, como se não existissem outras professoras jovens que, por serem brancas, jamais foram questionadas; ao argumentarem que não me reconheceram como professora do curso em determinadas situações sociais por eu estar usando tranças, como se mudar o penteado e/ou a cor do cabelo tornasse a pessoa partícipe de um grupo irreconhecível; ao apagarem a minha presença quando não prestigiam as atividades do coletivo que componho, quando silenciam diante de uma fala minha que certamente renderia diversas ponderações, desdobramentos, ações se fosse dita por uma/um colega branca/o...Cansa!

Responder aos brancos é adoecedor; daí o anúncio de que ser professora universitária junto da comunidade amorosa composta por pessoas negras e não-negras aliadas – sejam elas pares na profissão ou não – é a forma de transgredir, insurgir, resistir, construir a universidade.

Professoras negras, sobretudo as que somos dissidentes, jamais seremos totalmente aceitas enquanto preconceitos racistas e machistas ainda dominarem nossa consciência cultural. Até que essa mudança aconteça, qualquer professora negra que desafie estudantes e colegas precisará encontrar formas construtivas de ser assertiva de modo a intervir em todas as tentativas de desvalorizar a nossa presença. Isso pode ser feito. Isso significa que professoras negras que desejam ter maiores impactos positivos devem trabalhar ainda mais que outros colegas para criar uma comunidade de aprendizagem em sala de aula (hooks, 2020, p. 160).

Ao me movimentar na universidade, ensino e aprendo que a representatividade importa muito, que a sabedoria negra é ancestral, resiliente; que, como disse Sueli Carneiro (2011, p. 85), “rejeito a armadilha paranóica e deixo a algazarra alegre penetrar em mim, e ela também me anuncia: Viveremos!”. Viveremos, nós professoras negras, para que estudantes de Pedagogia possam celebrar a presença de uma docente negra, trançada, para que elas possam se enxergar nesse lugar e, caso desejem, possam também ocupá-lo.

Ser professora universitária negra só tem sido possível porque não estou só. Conto com a inspiração de minhas ancestrais, com a potência das

intelectualidades negras, com os exemplos e dicas de amigas negras que já abriram caminhos, com os afetos de meus pares - pessoas negras que estão comigo - em coletividade - confluindo sorrisos, abraços, escritas, diálogos, ciência, reflexões, gíngas, sentidos, projetos... É como inspira-nos a filosofia africana Ubuntu, eu sou porque nós somos (Escrevivências de Juliana Santana, 2024).

Lembro-me do quanto foi importante, dentro desse colegiado, conhecer outras professoras negras – há época substitutas – que se tornaram efetivas em outras universidades ao longo dos últimos anos. Elas possibilitaram a concretização desse desejo que nem sempre foi uma possibilidade real para mim: a efetivação enquanto professora universitária. O movimento “uma puxa a outra” tem se fortalecido ao longo dos tempos e, dessa forma, mulheres negras insurgem.

Compartilho frequentemente essas experiências, boas e ruins, com estudantes das minhas turmas e orientandas/os, para que possam ver-me gente, para que planejem e compartilhem outras experiências possíveis – de bem-viver, de amorosidade, de engajamento, de realização coletiva. Enxergo nelas/es potencial para a mudança radical, para a efetivação da educação antirracista e afrorreferenciada. Com menos frequência, devido às condições vivenciadas, mantenho-me aberta às relações com outras/os professoras/es do curso, a quem se propõe antirracista, a quem deseja construir-se educador/a dessa forma. Estimo que a prática afrorreferenciada alcance mais docentes na Universidade.

“Compartilhamento é coisa que rende”: outros começos

Coadunando a ideia de Nego Bispo de que os saberes são circulares e, portanto, têm começo, meio e fim, e contrariando a norma escrita da academia branca que anuncia um fim nos trabalhos científicos, não pretendemos finalizar as reflexões aqui propostas e realizadas, mas sim, fazer com que elas reverberem e fortaleçam-se em outras tantas. Esses movimentos democratizam os saberes que podem se dar em diferentes ritmos, em diferentes momentos e sob diversas perspectivas. É, portanto, inclusivo.

Neste estudo, constatamos que muito das discussões sobre racialidade na educação ainda permanecem restritas à educadores/as negros/as, o que configura-se um grave problema, visto que a branquitude (sistema) e as pessoas brancas (indivíduos) precisam se responsabilizar pelo fim do racismo e das diferentes opressões ainda hoje estruturalmente sustentadas. Assim,

vimos que a presença de professoras/es negras/es no curso de Pedagogia tensiona a manutenção de um currículo pouco diverso e traz, para além da representatividade, outras intelectualidades – dissidentes – e estratégias de ensino e organização didático-pedagógica, trazendo novas/outras discussões que, por interseccionar raça, gênero, classe e outros marcadores sociais, favorecem uma formação mais diversa, inclusiva e aproximada do público que será atendido por muitos desses/as estudantes.

Na Universidade, espaço ainda hoje embranquecido, mas que já apresenta características de resistência negra, os currículos formais continuam contemplando majoritariamente literaturas europeias, masculinas, brancocentradas. No entanto, constatamos, a partir das escrituras de uma professora negra cearense expressa, em um Caso de Ensino, que a intelectualidade negra é bastante rica e potencializa a experiência de estudantes, principalmente negros/as na Educação Superior. É nesse sentido que a aplicação da Lei nº 10639/2003 pode representar uma potente revolução nas escolas brasileiras; ao fazer conhecer as histórias e culturas dos povos negros – africanos e afro-brasileiros – as pessoas têm acesso às lutas e conquistas ancestrais, à construção de uma identidade positiva, à compreensão do racismo como mazela sistematicamente mantida/alimentada, bem como, vislumbrar as possibilidades de mitigar e dizimar esse mal, chances possíveis apenas dentro da coletividade.

As práticas pedagógicas antirracistas narradas pela professora, aqui referenciadas por meio de Casos de Ensino (CdE), explicitaram tensões e problemáticas pulsantes na cotidianidade da vida docente e universitária, apontando para uma abertura radical através daquilo que margeia, atualmente, a formação em Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará, trazendo para o centro de suas experiências o interesse na pessoa, nos cotidianos, nas histórias de vida, nos saberes ancestrais, na construção coletiva de intelectualidades, na equidade e na justiça. Oportunidades de bolsas de estudo à estudantes negras/es; enegrecimento das referências bibliográficas e valorização de intelectualidades negras e dissidentes; práticas amorosas, engajadas, coletivas e representativas; realização de pesquisas científicas sobre a Educação para as relações étnico-raciais nos diversos níveis de ensino; valorização da coletividade em detrimento da cultura do mérito e da competitividade/produtividade, dentre outras, destacam-se enquanto achados e contribuições evidenciadas por este estudo.

Destaca-se a importância do engajamento de todas as pessoas, sobretudo as não-negras,

no combate ao racismo que é a base opressora que dificulta o envolvimento, o compartilhamento, as interações, as confluências entre todas as pessoas e todos os saberes.

As autoras deste escrito reconhecem o valor formativo e investigativo do Caso de Ensino (CdE) para o entendimento de como as/os professoras/es aprendem a ensinar e se desenvolverem no decorrer da profissão. Uma estratégia que permite trazer à tona e visibilizar o vivido, as situações enfrentadas e, nesse movimento, as bases em que sustentam sua atuação docente, tal como o faz a professora negra em foco neste escrito. Esta, por meio dos Casos de Ensino (CdE) registrados, “escreve” e “esperança” a concretização de um desejo profissional e pessoal: a oportunidade de fazer movimentos sistemáticos e institucionais afrorreferenciados e inclusivos.

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019 (Coleção Feminismos Plurais).

BISPO, Antonio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ Piseagrama, 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES Isabella Rosado (Org.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed., Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; MUSSI, Amali de Angelis. Casos de ensino na pesquisa e formação docente: que conversa é essa?, **Roteiro**, Joaçaba, v. 46, p. e28104, 2021. DOI: 10.18593/r.v46.28104. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/28104>. Acesso em: 15 dez. 2024.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; MUSSI, Amali de Angelis. Pesquisa e formação de professores com casos de ensino: fundamentos e potencialidades. **Roteiro**, [S. l.], v. 46, jan./dez. 2021a | e27234 | E-ISSN 2177-6059. DOI: 10.18593/r.v46.27234. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/27234>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Casos de ensino e aprendizagem profissional da docência. In: ABRAMOWICZ, Anete; MELLO, Roseli Rodrigues. (Org.). **Educação: pesquisas e práticas**. Campinas: Papirus, 2000. v. 1. p. 139-161.

NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SILVA, Silvina Pimentel. Abordagens quantitativas e qualitativas na pesquisa em educação: velhas e novas mediações e compreensões. In: NUNES, João Batista Carvalho; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; NÓBREGA-THERRIEN, Silvia Maria. **Pesquisa científica para iniciantes: retomando o debate**. Fortaleza, CE: EdUECE, 2021, p.49-66.

NONO, Maévi Anabel. **Casos de ensino e professoras iniciantes**. 2005. 238 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

NONO, Maévi Anabel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Processos de formação de professoras iniciantes. **Revista Brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 217, p. 382-400, set./dez. 2006.

SANTANA, Juliana Silva; SILVA, Mar; SOUZA, Davison da Silva; ANTUNES, Gabriele da Silva. “Empretecendo os caminhos”: o Coletivo Mapinduzi e a promoção de intelectualidades negras. **PerCursos**, Florianópolis, v. 25, p. e0112, 2024. DOI: 10.5965/19847246252024e0112. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/24345>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Questões epistemológicas da pesquisa educacional. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá – MT, UFMT, v. 41, p. 479-496, 2010.

SOUZA, Davison da Silva; SANTANA, Juliana Silva. Quebrando a máscara de Anastácia: sistematizando a escrita navalha. In: **XXIX Semana Universitária UECE**, 2024, Fortaleza. Inclusão e interdisciplinaridade na produção do conhecimento, 2024.

Submissão em: 27/12/2024

Aceito em: 25/05/2025

Citações e referências
conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE NORMAS
TÉCNICAS